

Noticias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 130 — Domingo, 4 de Dezembro de 1955

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4800

AVENÇA

CARTA DE LONGE

PORTUGAL e a União Indiana

Por J. DE GARVALHO E RÊGO

QUANDO da nossa última viagem para Macau, em Janeiro do corrente ano, embarcaram no «Índia» — o navio que nos trouxe — muitas senhoras, com destino às terras de Goa, onde iam juntar-se a seus maridos, briosos oficiais do exército, expedicionários naquela província ultramarina.

Essas senhoras, que a todos encantaram pela sua mocidade, pela sua coragem e pela sua fé nos destinos da Pátria, deram um grande exemplo, até a muitos homens que talvez hesitassem em ir, voluntariamente, para uma terra sujeita a determinadas surpresas que, como já se verificou, fizeram daquela nossa pacata e sossegada província um lugar de incertezas e de possíveis lutas, que só uma grande prudência poderá evitar.

Na véspera da nossa chegada a Mormugão, no jantar de despedida gentilmente oferecido pelo comandante e oficiais de bordo aos passageiros que ali desembarcavam, brindámos, com pala-

bras de louvor e de carinho, a esse grupo de senhoras, modesto na sua aparência, mas arrogante na elegância do seu gesto, que, conduzido pelo amor, se impunha pelo seu patriotismo. Morrer, possivelmente, em defesa da Pátria, não intimidava essas jovens portuguesas, que com grande esforço conseguiram partir, pois não era permitido, sob pretexto algum, o embarque às famílias dos militares que para ali tivessem ido em expedição. Mas, mais

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

UM PROBLEMA QUE É URGENTE RESOLVER

AS NOSSAS OFICINAS metalúrgicas

ESTÃO A RESSENTIR-SE DA FALTA DE OPERÁRIOS ESPECIALIZADOS, URGINDO A CRIAÇÃO DA ESCOLA TÉCNICA

COM o notável incremento da nossa frota de pesca, cujas unidades e barcos auxiliares são motorizados, com o desenvolvimento simultâneo das nossas oficinas metalúrgicas, algumas das quais são forçadas a recorrer a serões, deu-se o fenómeno, mais ou menos esperado, da falta de operários especializados. Uma dessas oficinas, carente de serralheiros e outros metalúrgicos, pôs anúncios em vários jornais e não obteve qualquer resposta, o que, como é de supor, está a causar embaraços ao seu regular funcionamento.

Dá-se ainda a circunstância das oficinas metalúrgicas não poderem actualmente preparar aprendizes, rapazes recém-saídos da escola primária, que é o que cá temos, sem observarem rigorosamente os preceitos da lei.

Ora esta impõe, ao que julgamos, o pagamento diário de 7\$20 a aprendizes

COMEMORANDO O CENTENÁRIO DE MOUZINHO DE ALBUQUERQUE

OS ACONTECIMENTOS QUE ORIGINARAM

O HEROÍSMO DE MOUZINHO

Pelo Dr. VERGÍLIO PASSOS

ANTES de falarmos propriamente de Mouzinho de Albuquerque, necessário se torna dizer do ambiente político internacional europeu dessa época, quando a Nação era atacada e esbulhada dos seus direitos ancestrais adquiridos a partir do século XV.

As viagens dos nossos exploradores em África, — Capelo, Ivens, Serpa Pinto e outros, despertaram a ambição colonial dos Belgas,

da Alemanha, da Itália, da França e da Inglaterra. Para solucionar a partilha da África, foi sugerida uma conferência internacional, conhecida pelo nome de Conferência de Berlim, realizada nessa cidade, em 1884.

Se bem que grandemente prejudicados nos nossos direitos históricos em África, conseguimos, todavia, que respeitassem alguns pontos de vista apresentados pelos representantes portugueses a essa Conferência.

Terminada, em 1885, a Conferência de Berlim, a Inglaterra principiou a desenvolver o plano para um grande império africano, desde o Cabo ao Cairo, com visível hostilidade para os interesses portugueses.

Assim, a Inglaterra deitou a mão das zonas de Mashona, ricas em minério de ouro, onde os portugueses exerciam a sua reconhecida influência. A rainha Vitória afirmava que os portugueses não possuíam naquela zona forças bastantes para «manter a ordem, proteger os estrangeiros e vigiar os indígenas». O suborno dos régulos sujeitos ao nosso domínio e o emprego da força, para realizar os intuitos imperiais britânicos, eram evidentes.

O príncipio do reinado de D. Carlos foi flagelado grandemente pela deslealdade do governo britânico, que travou, com o de Lisboa, verdadeira batalha em notas diplomáticas.

Quando o major Serpa Pinto estudava o traçado do caminho de ferro do Alto-Chire e entrou para tal fim na terra dos Macololos, antigos vassallos da coroa portuguesa, teve de defrontar-se com uma insurreição de indíge-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)



Aspecto do Cais Comercial desta vila

NÃO DIGAM QUE A CULPA É DO GOVERNO!

NÃO sabemos se à hora do «Notícias do Algarve» começar a circular já terão conseguido trans-

bordar a sua carga para qualquer navio que ousadamente tivesse fundeado na costa as barcas que há muitos dias se encontram carregadas de conservas, na ria de Olhão. Oxalá essa temerária operação já se tenha feito sem qualquer dano! Essas conservas há muito que estariam no seu destino e entregues ao consumo público, se se não teimasse em remar contra a maré, se se não persistisse em trilhar um caminho errado, se os principais interessados não continuassem

a deixar-se levar por moço de cego tendo, afinal e felizmente, os olhos razoavelmente abertos.

Queixam-se de Olhão que vários navios retiram sem receber essa mercadoria. Mas como era possível fazer uma operação de transbordo, em pleno mar e com mau tempo? Só loucos pra-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

Em verdade te digo

Ah, pobre louco, que te julgas forte apenas porque a força é tua, dos teus braços, da tua cabeça, da tua alma! Louco! Serás forte, apenas, verdadeiramente forte, apenas quando a tua força for a força do teu clã, da tua gente, do teu povo!

Cinco tostões de castanhas quentes

Para a noite, arrefece. Começam a aparecer na rua sobretudo, casacos compridos. Vejo duas velhinhas de braço dado (curioso), dou por mim a pensar onde estará a outra, porque se me representam as Três irmãs, da peça célebre de Anton Tchecov... agasalhadas dos pés à cabeça como se estivessem no Polo Norte.

A chaminé de um carrinho ambulante fumeja. Castanhas. Compro cinco tostões delas, reparto-as por duas meninas à solta, na rua. Quatro olhos que me fitam a três palmos do chão, tristes e insignificantes como ervilhas sem clorofila.

Cinco tostões de castanhas... Eu, menina, regressando da escola. A pé. Cinco tostões poupados no eléctrico para comprar castanhas. Quatinhas, nas mãos geladas... Nas mãos que a vida, mais do que o inverno, gelou...

Eu sei que a infância, etc., etc. Mas não tenho saudades. Para que mentir? É bom viver a hora actual. Ser como sou. As minhas mãos, apesar da vida, deixaram de estar frias. Vejam, como estão quentes, não é verdade? Quentes de confiança no futuro. De amizade. De ternura.

Continuo a falar séria

No mundo em que vivemos e em que tudo, até os sentimentos, se propõe em função do lucro,

(CONCLUÍ NA 2.ª PAGINA)

Aposentação de Professoras

Foram aposentadas as professoras primárias, sr.ª D. Maria dos Anjos Neves e D. Arminda L. Gomes Guerreiro, respectivamente, com 45 e 42 anos de serviço prestado nas escolas desta vila e de Alcoutim.

CORREIO À DERIVA...

Queixam-se inúmeras pessoas desta zona algarvia de que, desde há algum tempo, os serviços de correspondência dos nossos C. T. T., que chegaram a ser modelares e impecáveis na regularidade de distribuição e ausência de extravios, estão a acusar certa desorganização lesiva dos seus usuários. Cremos que as anomalias não se devem à estação local, mas a outras etapas de passagem da correspondência.

Concretizando, têm havido cartas que, antes de cá chegarem, vão até Monchique; outras que só cá aparecem depois de andarem pela Espanha; jornais diários que faltam uns dias aos assinantes, para finalmente serem entregues em conjunto, quando já não são precisos, etc., etc.

Não nos surpreende que possa haver enganos numa organização de tamanha complexidade e movimento como a dos C. T. T., e seríamos nós os últimos a apontá-los, se não fosse a irritante frequência com que estas anormalidades se vêm verificando ultimamente, em contraste com a quase perfeição a que este serviço público nos habituara.

Por isso o lamentamos e aqui registamos o reparo, para ser devidamente sanado por quem de direito.

UMA VISITA MINISTERIAL AOS E. U. A. E AO CANADÁ

O CONVITE de que, por parte do Secretário do Estado Americano, John Foster Dulles, foi alvo o sr. prof. Paulo Cunha, ilustre Ministro dos Negócios Estrangeiros, constitui uma manifestação de grande apreço e interesse para com o nosso País.

O prof. Paulo Cunha terá assim ensejo de visitar as colónias portuguesas estabelecidas na América do Norte, sobretudo na Califórnia, onde são em maior número, e aí apreciar o que tem sido a sua contribuição na vida económica americana. Tal como no Brasil, na Venezuela ou em França, países que com a América do Norte são os da nossa simpatia de povo emigrante, a obra realizada pelo português é sempre, ao fim e ao cabo, qualquer coisa de impressionante pela extensão e valor intrínseco dos cometimentos. E esta conquista é tanto mais

de salientar quanto é certo que ela é feita de renúncias e de sacrifícios, mas com aquela dignidade de raça que o português põe em todas as empresas a que

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

IMPRENSA REGIONAL

PARA QUANDO

o congresso?

ESBOÇOU-SE, há tempos, e voltou novamente ao plano da actualidade, na Imprensa da província, uma útil campanha tendente a aglutinar aspirações dispersas e a promover a organização do II Congresso destes sacrificados órgãos de opinião pública, defensores dos interesses das várias regiões do País.

Todos sabemos o que são as condições de vida em

que não têm qualquer noção do que seja uma broca ou um torno, e que não se sabe, sequer, se se adaptam ao trabalho. Uma oficina admitiu rapazinhas acabados de sair da escola, mas perante as exigências da fiscalização, viu-se forçada a dispensá-los, prejudicando talvez futuros e hábeis operários.

Em face de tal situação, lesiva do nosso desenvolvimento industrial e impedi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CURSO DE MESTRES DE CONSERVAS A CRIAR NO ALGARVE

O ilustre presidente da Junta Nacional das Frutas, engenheiro-agrônomo Mário de Brito Soares, expõe ao «Notícias do Algarve» a sua opinião sobre este problema

NO seguimento das considerações feitas pelo director do Instituto Português de Conservas de Peixe, que publicámos no nosso número de 28 de Fevereiro de 1954, e em que aquela entidade afirmou entre o mais: «Efectivamente, é muito útil a preparação de mestres de fabrico de conservas, que tenham algumas noções técnicas adquiridas em Escolas, e que levem para a indústria conhecimentos de que poderão extrair proveito no desempenho da sua missão.»

E ainda: «Não temos que nos queixar do que se tem feito até agora. Mas se se puder fazer melhor, não vejo razão para que se não faça.»

«Os futuros técnicos da Escola de Mestres de Conservas da Escola de Vila Real até vão ser

muitos úteis para nós; pois podemos incumbi-los dos serviços de fiscalização, que exigem pessoal com a maior soma possível de conhecimentos técnicos.»

Vamos hoje transmitir a opinião dum entidade categorizada, o presidente da Junta Nacional das Frutas, engenheiro-agrônomo sr. Mário de Brito Soares, que no Algarve já viveu durante 4 anos, no período em que desempenhou as funções de delegado daquele organismo no Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas, e que por isso conhece bem as possibilidades económicas da nossa província sob o ponto de vista de fabrico de conservas de frutos e produtos hortícolas.

Eis o que o ilustre entrevistado respondeu, muito amavelmente, ao nosso questionário:

1.º — Entende que o Curso de Mestres de Conservas de Peixe, Frutas, Produtos Hortícolas e Carnes tem condições de equidade e a possibilidade de se

UMA CONFERÊNCIA DO DR. ALBANO DE LENCASTRE

Realiza amanhã, à noite, no salão de festas do Glória Futebol Clube, desta vila, uma conferência, o distinto clínico sr. dr. Albano de Lencastre. A mesma será subordinada ao título: «A Criança — Desenvolvimento psíquico e físico — Higiene alimentar e moral — Educação física.»

No nosso próximo número referir-nos-emos mais detalhadamente a esta palestra, que promete vestir-se do maior interesse. Entretanto, agradecemos ao sr. dr. Albano de Lencastre a gentileza do convite que nos fez.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve nesta vila o sr. dr. juiz conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, que nos deu o prazer de nos vir cumprimentar à nossa redacção, tendo estado também em Faro para assistir à II Romagem de Saúde dos Antigos Alunos do Liceu de Faro.

De visita a seus pais esteve nesta vila acompanhada de sua filha Maria Paula a sr.^a D. Delmira da Encarnação Sezário.

A fim de pagar a sua assinatura esteve nesta vila o nosso prezado assinante sr. José António Madeira, 1.º cabo da Guarda Fiscal.

Igualmente do nosso estimado amigo e assinante em Vila do Porto (Açores), sr. António José, recebemos a quantia de 60\$00 tendo a sua assinatura ficado paga até ao número 180.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa o nosso estimado assinante sr. major João Centeno de Sousa.

Acompanhado de sua esposa e cunhados seguiu para Mértola o nosso prezado assinante e amigo sr. Manuel Bulgesso.

O CUSTO DA VIDA

Tal como está sucedendo noutras localidades do País, também aqui se regista o desaparecimento ou a escassez de vários artigos de primeira necessidade.

Confiamos em que não se farão demorar as providências gerais que remediem as anomalias existentes.

Pelo Tribunal

Em audiência de Policia Correccional, a que presidiu o m.^{mo} juiz da comarca, sr. dr. Nunes Correia, foi julgado, por falsas declarações às autoridades, o arguido sr. José Manuel dos Santos Vilanova, desta vila.

O réu foi condenado na multa de 100\$00, no mínimo de imposto de justiça e emolumentos ao defensor officioso, ficando a pena suspensa por 2 anos.

Falecimentos

D. Maria Inês

Faleceu nesta vila, em 24 de Novembro, findo, a sr.^a D. Maria Inês, de 82 anos, viúva, natural de Castro Marim e residente no sítio das Hortas.

A falecida era mãe da sr.^a D. Maria dos Mártires Martins Teresa, casada com o sr. Desidério Teresa, a quem apresentamos condolências.

João Manuel Alho Carlota

Em 28 do passado mês, finou-se o menino João Manuel Alho Carlota, de 18 meses de idade, filho do sr. João Gomes Carlota e de sua esposa, sr.^a D. Maria Bárbara Alho, de Mértola, aos quasi exprimimos o nosso pesar.

Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Viegas».

As Ex.^{mas} Senhoras

O cabeleireiro ETELBERTO participa a todas as suas Ex.^{mas} Clientes e a todas as senhoras em geral que executa os mais modernos cortes, permanentes e penteados.

ESTABELECIMENTOS

Trespasse-se casa para este fim, sem existência, com inscrição no Grémio dos Retalhistas de Mercarias, numa das melhores ruas desta vila. Tratar com Clemente & Filhos, Lda. — Vila Real de Santo António — Telefone 92.

CONFECÇÕES

Vireasa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Organização agrícola do Algarve

A organização agrícola da nossa província conta com os seguintes organismos: grémios de Albufeira, Portimão, Moncarapacho, Lagos, Lagoa, Tavira, Monchique, Castro Marim (englobando Alcoutim e Vila Real de Santo António), Silves, Loulé, Faro e Alportel; Cooperativas Agrícolas dos Produtos de Leite, de Portimão, Faro e Olhão; Cooperativa dos Produtores de Azeite, de Santa Catarina da Fonte do Bispo; Cooperativa Agrícola de Olivicultura, de Bordeira e Cooperativa, de Olivicultura de Tavira; Adegas Cooperativas de Lagoa, Lagos, Olhão, Portimão e Tavira; Caixas de Crédito Agrícola Mútuo, de Albu-

feira, Lagoa, Lagos, Monchique, Silves e Tavira, e Casas do Povo de Estoi, Moncarapacho, Luz, Conceição, S. Bartolomeu de Messines, Castro Marim, Monchique, Alte, Marmeleite, Algôs, Alcantarilha, Aljezur, Paderne, Azinhal, Odeleite, Santa Estêvão, Martim Longo, Santa Catarina da Fonte do Bispo e Alferce.

Que tal este número!

O ano findo, as fábricas de conserva do Sul da Califórnia enlataram mais de 300 milhões de atuns pescados, em grande parte, na costa ocidental da América Central. Os barcos dedicados a esta pesca, alguns dos quais chegam a capturar 400 toneladas, utilizam isca viva, que lançam ao mar para atrair os cardumes, que andam a superfície, capturando depois os peixes por meio de anzóis sem barbeta. Esta pesca (a das albacoras, que é praticada pelos boneiteiros do Norte de Espanha) também se podia exercer com êxito na nossa costa Oeste, desde os fins de Maio até Outubro, se para isso se preparassem barcos, mesmo de madeira, tal como os de Vigo, mas dotados de porão frigorífico que lhes consentisse estadia no mar até completo carregamento. Um dos inconvenientes dos barcos espanhóis é terem que regressar ao porto, após poucos dias de permanência no mar, o que lhes diminui grandemente o rendimento.

Exportação de cortiça

De Janeiro a Setembro, a nossa exportação de cortiça não manufacturada totalizou 104.742 toneladas, no valor de 811.611 contos. O maior comprador de cortiça em aparas, refugo e origem foram os Estados Unidos, respectivamente, com 27.673, 4.384 e 3.300 toneladas. Os mais interessados compradores de prancha foram a Argentina, França e Rússia, que adquiriram, respectivamente, 7.785, 3.087 e 3.063 toneladas. O comprador que mais paga é a Rússia, pois, enquanto a França pagou 45.767 contos, os russos, tendo levado apenas menos 24 toneladas, pagaram 60.041 contos. O maior comprador de serradura foi a Inglaterra que adquiriu 2.183 toneladas, seguida da Alemanha, com 1.537 toneladas.

O grande cliente da cortiça em obra foi a Inglaterra, que adquiriu 4.992 toneladas, seguindo-se-lhe os Estados Unidos com 2.973 toneladas. A União Sul Africana, Nova Zelândia e Canadá também são clientes de vulto, pois compraram-nos, respectivamente, 1.423, 1.411 e 1.015 toneladas. A Inglaterra é o nosso maior comprador de aglomerados e discos, respectivamente, 3.626 e 309 toneladas.

Quem nos adquire mais rolhas é a Alemanha: 1.308 toneladas, no valor de 55.629 contos. A Inglaterra comprou-nos 921 toneladas pelas quais pagou 55.414 contos. A exportação total de rolhas, nos meses já citados, foi de 5.320 toneladas, no valor de 278.630 contos. — J. B.

Assine o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Comemoração do 21.º aniversário

da fundação da Casa do Povo da Conceição de Tavira

No passado dia 20 de Novembro, conforme tínhamos noticiado, comemorou-se a passagem do 21.º aniversário da fundação da Casa do Povo da Conceição de Tavira.

Foi com um ar festivo que esta povoação recebeu os visitantes. Bandeiras e galhardetes davam-lhe um ar festivo, embora o horizonte se nos apresentasse sombrio, a indicar-nos chuva.

Cerca das 15 horas, chegou o sr. governador civil, eng. Mascarenhas Gaivão, que era acompanhado dos srs. drs. António Teixeira Marques, delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência; António Miguel Galvão, vice-presidente da Junta de Província do Algarve, e Manuel José da Fonseca, secretário-geral do Governo Civil.

Após os cumprimentos oficiais, formou-se um cortejo de automóveis até à povoação de Cabanas, onde Suas Ex.^{as} foram recebidas pelas crianças das Escolas Primárias da freguesia, representações das diversas Casas do Povo dos concelhos de Tavira e Castro Marim, pela banda de Tavira, que tocou o hino da Maria da Fonte, e por milhares de pessoas. Foi neste ambiente festivo que o sr. eng. Mascarenhas Gaivão descerrou as lápidas das ruas desta localidade, que passaram a ter os seguintes nomes: Capitão Jorge Ribeiro, Eng. Arantes e Oliveira, Mouzinho de Albuquerque, Pedro Álvares Cabral, Infante D. Henrique, Bartolomeu Dias, Comandante Tenreiro, Almirante Américo Tomás, Dr. José Correia do Nascimento, Dr. Jorge Correia, Jornal «Povo Algarvio», Vasco da Gama e 1.º de Dezembro. Formou-se, depois, novo cortejo, no qual tomaram parte milhares de pessoas, e que se dirigiu a pé, para a Conceição, onde o chefe do Distrito descerrou as lápidas das ruas que ficaram assim denominadas: Nossa Senhora da Conceição, Presidente Craveiro Lopes, Eng. Sebastião Ramirez, 28 de Maio e Restauradores.

Após o desceramento das lápides, efectuou-se, no salão de festas da Casa do Povo, uma Sessão Solene, presidida pelo sr. governador civil, que estava ladeado pelos srs. drs. António Teixeira Marques, António Miguel Galvão, capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Tavira; José Afonso, presidente da assembleia geral da Casa do Povo; António Maria Fernandes, presidente da Junta de Freguesia; o secretário da Casa do Povo, prof. José Joaquim Gonçalves, e Vitorino E. da Conceição, regedor da freguesia. Estavam presentes todas as Casas do Povo do concelho, com os respectivos estandartes; as de Odeleite, Azinhal e Castro Marim; deputações de todas as freguesias do concelho de Tavira; comissão da União Nacional; Grémio da Lavoura e Casa dos Pescadores de Tavira; funcionalismo público da sede do concelho e de Faro. Entre os assistentes, viam-se também, os comandantes da G. N. R. e P. S. P. de Tavira, pároco da freguesia, delegados escolares daquele concelho e de Vila Real de Santo António, e outras entidades.

Abriu a sessão o sr. prof. José Joaquim Gonçalves, que agradeceu a presença das entidades oficiais, focou as necessidades da freguesia e historiou a vida daquela Casa do Povo, desde o seu primeiro dia até àquele em que atingiu a maioridade, numa alocução longa e eloquente que foi muito ovacionada. Falaram, a seguir, os srs. dr. António Teixeira Marques, capitão Jorge Ribeiro e o sr. governador civil, que encerrou a sessão, descerando um retrato do sr. ministro das Corporações, entregando também os prémios atribuídos ao melhor trabalhador da freguesia e às crianças que mais se distinguiram no ano lectivo findo.

Seguiu-se um finíssimo «porto de honra», na Escola Masculina, a que assistiram as entidades oficiais e numerosos convidados, após o que o sr. eng. Mascarenhas Gaivão e a sua comitiva se retiraram para Faro.

A noite, realizou-se, no salão de festas da Casa do Povo, uma sessão de cinema da Campanha, a que estiveram presentes cerca de 700 pessoas, muitas das quais assistiam da rua, debaixo de um grande aguaceiro, ao desenrolar das desventuras do Zé Analfabeto.

Atenção

TRESPASSA-SE

«BAZAR AVENIDA»

com toda a sua existência, situado na Rua Teófilo Braga, nesta vila.

Quem pretender, dirija-se ao mesmo.

PELA PROVÍNCIA

TAVIRA

Expropriação

Consta que no princípio do próximo ano vai ser feita a expropriação, por parte da Câmara Municipal, da Horta de El-Rei, que se encontra localizada no centro da cidade. Tal necessidade faz-se sentir desde há muito tempo, porquanto Tavira precisa de novas edificações e melhoramentos que a tornem digna de uma cidade. Bem haja, pois, o sr. capitão Jorge Ribeiro, ilustre presidente da Câmara de Tavira, que vai dotar a sua terra com um melhoramento que a dignifica.

Vendaval

Há já cerca de mês e meio que esta cidade é assolada por violento vendaval, não permitindo que os trabalhadores do mar consigam angariar o seu sustento. Por tal motivo, não tem havido peixe, e o pouco que aparece à venda é vendido a preços exorbitantes.

Com a falta de carne, de bacalhau e doutros géneros de primeira necessidade, as donas de casa vêm-se e desejam-se para conseguir abastecer suas casas. Nunca se viu um vendaval tão persistente que aqui se instalou com pouca vontade de nos deixar.

Melhoramentos

O Ministério das Obras Públicas, pelo fundo de Melhoramentos Rurais, concedeu no mês de Outubro diversos melhoramentos para o Algarve. A Tavira, coube para reparação da estrada municipal de Tavira a Santo Estêvão, 2.ª fase, a verba de 123 contos; para reparação da estrada municipal de Tavira a Santo Estêvão, 1.ª fase adicional, 8.100\$00; conservação corrente das vias rodoviárias municipais, reforço, de 9.200\$00. — e.

UMA GRANDE FIGURA DA IGREJA

E ILUSTRE ALGARVIO

QUE DESAPARECE

D. Marcelino António Maria Franco

À hora do nosso jornal entrar na máquina, chega-nos a infausta notícia do falecimento do venerando bispo do Algarve, sr. D. Marcelino Franco, na idade de 84 anos, em Faro, na manhã de ontem.

O santo Prelado, cujo estado de saúde, agravado pela procveta idade, era ultimamente muito precário, pastoreava a Diocese de Faro, desde 1920, tendo nascido em Tavira, de famílias muito distintas daquela fidalga cidade Sotaventina.

O corpo foi trasladado para a Sé Catedral de Faro, donde sairá o préstito fúnebre, na próxima terça-feira.

Ao ilustre bispo coadjutor, D. Francisco Rendeiro, que passa agora a titular do Algarve, ao rev.^{mo} Clero diocesano e à família do saudoso extinto, exprime «Notícias do Algarve» a sua profunda mágoa, apresentando cumprimentos de pésames.



Joaquim Sabino MISSA

Sua esposa e filhas mandam celebrar, dia 7 do corrente, missa por alma do saudoso extinto, às 9,5 na Igreja desta vila, agradecendo desde já às pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA

dos Tipógrafos, Litógrafos

e Officinas Correlativas

A partir de 2 do corrente mês, os Serviços Médico-Sociais desta Caixa assumiram o encargo de prestar assistência clínica aos respectivos beneficiários e seus familiares, na Delegação Clínica n.º 240, desta vila.

Estes serviços estão a cargo dos distintos facultativos locais, srs. drs. Raul Folque e Reinaldo Prazeres.

«OS TRANSPORTES»

Com a publicação do número 160, completou 10 anos de publicação o nosso colega de Lisboa «Os Transportes», órgão de defesa dos automobilistas e das actividades rodoviárias.

Ao seu director, sr. Joaquim Rosendo e a todo o corpo redactorial, o «Notícias do Algarve» deseja muitas felicidades.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA

de Vila Real de Santo António

De 26 de Novembro a 2 de Dezembro

TRAINEIRAS

Flor do Guadiana	111.960\$00
Oca	81.700\$00
Liberta	73.810\$00
Tufão	67.955\$00
Tozé	61.250\$00
Flor do Sul	58.700\$00
Persistente	49.295\$00
Raulito	48.310\$00
Estrela do Sul	46.740\$00
Audaz	46.485\$00
Tôluis	45.800\$00
Pérola do Guadiana	44.235\$00
Farihão	42.920\$00
Brisa	39.280\$00
Maria Rosa	38.115\$00
Mirita	37.020\$00
Portugal IV	34.910\$00
Sr. da Piedade	32.870\$00
Triunfante	32.430\$00
Janita	31.880\$00
Costa Azul	26.970\$00
Alvarito	25.858\$00
Novo S. José	24.247\$00
Sol	22.850\$00
Arrifana	18.800\$00
Infante	15.630\$00
Jomanel	14.350\$00
Norte	11.530\$00
Restauração	5.380\$00
Praia do Vau	2.160\$00
Total	1.193.440\$00

CERCOS

Amazona	112.717\$00
Futuro de Olhão	9.650\$00
Total	122.367\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 26 de Novembro a 2 de Dezembro

Entrados:

MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 MERCIAN, Inglês, de 1.516 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
 GORGULHO, Português, de 1.195 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 TERCEIRENSE, Português, de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
 ASTRA, Panamenho, de 1.300 ton., de Newport, com carvão.

Saídos:

GRANDSON, Suíço, para Livorno e Génova, com pasta de óleo sulfureado e conservas.
 STARLING, Inglês, para Dublin e Bristol, com alfarroba e conservas.
 MADEIRENSE, Português, para o Funchal, com figos, alfarrobas, palma em obra, vassouras, aves de capoeira e sal.
 MERCIAN, inglês, para Liverpool, com conservas e alfarroba.
 GORGULHO, Português, para o Funchal, com sal.
 TERCEIRENSE, Português, para os Açores, com figos, alfarroba e sal.
 ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com pirites e precipitado de ferro.
 COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 3 a 9 de Dezembro, a Farmácia CARMO, Rua São João de Brito-Telefone 31.

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...



RODRIGUES PINHO & C.

Vila Nova de Gaia

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF. 25764

Foto-ZINCO TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRVURA E DESENHO

CURSO DE MESTRES DE CONSERVAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

efectuam-se anualmente cursos para mestres de fábricas de conservas, englobando justamente o peixe, a carne, os frutos e produtos hortícolas. Tais cursos são professados no Instituto de Conservas, o qual é mantido pelas organizações profissionais de fabricantes de conservas.

P. — Serão as necessidades da nossa actual indústria conserveira em operários especializados, com os conhecimentos que vêm indicados nos Decretos n.ºs 37.028/9 e 34.455. — Estatuto do Ensino Técnico Profissional — suficientes para justificarem a criação do referido Curso?

R. — No que respeita a conservas de frutos e produtos hortícolas, haverá toda a vantagem na formação de «mestres de fábricas», os quais deverão ter conhecimentos especiais, ainda que sumários, de fisiologia vegetal, de microbiologia, de tecnologia, de máquinas utilizáveis nesta indústria e legislação.

Nos programas das actuais Escolas Técnicas não constam os elementos que se reputam necessários para os ensinamentos que tais mestres deverão receber.

Julgo que esta indústria — diz o ilustre entrevistado — tem largo, futuro e se quisermos concorrer com a similar estrangeira, mesmo nos mercados nacionais, sobretudo nas nossas províncias ultramarinas, há que apresentar produtos que ofereçam a necessária garantia de perfeito fabrico.

P. — Não vê V. Ex.ª possibilidades de se montarem mais fábricas de conservas de frutos e produtos hortícolas no País, tal como previu o antigo presidente da Câmara Corporativa, prof. eng. Ferreira Dias, em 1945, no seu livro «Linha de Rumo»?

R. — Há possibilidades de se montarem mais fábricas, e sobretudo de se aperfeiçoarem as existentes, montando-as por forma que correspondam a um trabalho perfeito e económico. Há que dotar essas fábricas com o material mais moderno, tendo em aten-

ção que as indústrias alimentares são de criação recente e as técnicas de fabrico estão em constante evolução.

Existem no País algumas unidades industriais que, para certos produtos, correspondem às exigências das melhores técnicas.

P. — Acha V. Ex.ª que bastaria a realização de 3 ou 4 palestras de vulgarização científica, nos principais Centros Conserveiros do Algarve, dedicadas especialmente a todos os mestres fabricantes e industriais, acompanhadas ou não, conforme os casos e as necessidades, de trabalhos práticos?

R. — Não reputo suficiente a realização de palestras e demonstrações práticas para habilitação do pessoal de tal categoria.

Parece-me indispensável a frequência de um curso, organizado por forma a que se ministrem conhecimentos práticos e teóricos (estes resumidos aos essenciais) cursos esses de duração não superior a três meses.

NOVOS ASSINANTES

Tivemos o prazer de inscrever como assinantes do nosso jornal os srs. António Isidoro Dias e Fernando Fortunato dos Santos, e por indicação do nosso prezado assinante sr. José Machado Junior, o sr. José dos Santos Larisma.

Também por indicação do nosso prezado assinante sr. António Alexandrino M. Cavaco, de Odeleite, inscrevemos como assinantes do nosso jornal os srs. António dos Santos, António Dias Cavaco e António Baltazar.

Igualmente por intermédio do nosso assinante sr. Manuel Caldeira Esteves, inscrevemos como assinantes do nosso jornal os srs. Domingos Madeira, residente em Lisboa e Francisco Madeira Lopes, Chefe aposentado da P. S. P., em Portalegre, e por indicação do nosso confratão e prezado assinante sr. Sérgio Viegas Belo, deu-nos o prazer da sua assinatura a Litografia Tejo, Limitada, de Lisboa.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

TRIBUNAIS DE MENORES

Foram nomeados segundos juizes adjuntos dos tribunais de menores de Olhão e Vila Real de Santo António, respectivamente, os professores primários srs. João Duarte Martins e Francisco Joaquim Caldeira Alexandre.

Pelo Lusitano

O Lusitano Futebol Clube precisa de mais sócios

Para que o Lusitano F. C. possa um dia, que desejamos próximo, voltar aos seus tempos áureos, elevando bem alto outra vez o nome da nossa terra, torna-se necessário aumentar o rendimento da quotização.

Por esse motivo, a prestimosa Direcção deste Clube lança um apelo, por intermédio do «Notícias do Algarve», a todos os vilarrealenses ausentes da nossa vila, para que se inscrevam como sócios correspondentes, auxiliando assim o nosso querido clube a reerguer-se, como todos esperamos.

Inscrição de juniores
Todos os jovens, de 15 a 18 anos, que desejem praticar futebol na próxima época, deverão inscrever-se como juniores na sede do Lusitano F. C., onde se encontra aberta a inscrição.



DESPORTO

FUTEBOL

CAMPEONATO REGIONAL

Louletano, O-Lusitano, 3

Venceram os que mais atacaram

No primeiro jogo da segunda volta do campeonato regional, a equipa do Lusitano deslocou-se a Loulé, onde defrontou e venceu o grupo local.

Os lusitanistas, com jogadas melhor coordenadas e mais objectividade no ataque, conseguiram uma merecida vitória fora de casa, o que ocasionou viva alegria em todos os vilarrealenses, pois o Lusitano (de tradição) raramente ganha em campo adversário. À primeira parte, já a equipa visitante ganhava por uma bola, marcada por modesto. Os outros tentos da equipa vencedora foram obtidos por Daniel e Marco. A arbitragem foi regular.

SILVES, 4 — LAGOS, 0

A equipa de Silves, classificada em primeiro lugar, venceu facilmente o frágil conjunto de Lagos por 4 bolas a zero. O trio defensivo da equipa vencedora actuou com muito agrado.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Silves	4	4	—	16	4	8
LUSITANO	4	3	—	16	6	6
Louletano	4	1	—	3	9	18
Esp. Lagos	4	—	4	5	18	0

Hoje, defrontam-se as equipas do Lusitano e do Silves, encontro que é esperado com grande expectativa, dada a classificação que têm, e em Lagos joga o Louletano.

UMA VALIOSA INICIATIVA PARA O FUTEBOL VILARREALENSE

A Direcção do Lusitano comunicou-nos que está aberta a inscrição, na sua sede, para jovens dos 15 aos 18 anos que desejam praticar futebol, sendo todo o material desportivo fornecido por aquela colectividade.

Os treinos com os jovens inscritos terão início o mais breve possível, a fim de se prepararem convenientemente para representarem o Lusitano no próximo campeonato distrital de juniores.

Esta louvável iniciativa dos dirigentes do Lusitano, formando uma espécie de escola de jogadores, há-de, com certeza, pôr o futebol vilarrealense num nível mais elevado.

José Agostinho

Associação Académica de Vila Real

Na sua deslocação a Albufeira, a fim de participarem nas festas da Sopa dos Pobres, as equipas de basquetebol e de hóquei em patins foram derrotadas, frente ao Imortal de Albufeira.

Em basquetebol, perderam por 66-17, e em hóquei, por 5-1. Não são de estranhar semelhantes resultados, pois as equipas visitantes apresentaram-se sem treinos, em virtude do tempo não os permitirem.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia de utilidade e proveitosa publicidade.

CAMPEONATO NACIONAL

DA II DIVISÃO (ZONA SUL)

Olhanense, O-Portimonense, 0

Os grupos actuaram bem, numa partida de autêntico campeonato

No Estádio Padinha, em Olhão, assistiu-se, há oito dias, a um autêntico jogo de campeonato. Na verdade, tanto os portimonenses como os olhanenses actuaram bem e agradaram à numerosa assistência que presenciou esta pugna.

Os rapazes de barlavento vieram acompanhados duma enorme falange de apoio e conseguiram, depois de noventa minutos de jogo, dar uma enorme satisfação a todos aqueles que acompanharam a equipa.

O primeiro tempo terminou com domínio dos portimonenses, acabando os locais por dominarem toda a segunda parte. Realmente, os olhanenses actuaram no segundo tempo sempre ao ataque, pois Abade não teve trabalho neste segundo tempo. Pelo domínio dos olhanenses neste período, a vitória era merecida, mas o futebol é assim... Jogo disputado com correcção e arbitrado pelo alentejano sr. Francisco Guiomar, o qual dirigiu a partida com imparcialidade e acertou nalguns lances confusos. Nos locais, toda a defesa actuou bem, e no ataque, Parra esteve em evidência. Nos visitantes, Rueda, Luz e Bezerra agradaram.

Ouvindo os treinadores

Depois do prélio terminado, achámos curioso registar nas nossas colunas algumas opiniões dos treinadores dos simpáticos clubes algarvios. Como sabem, Rafael Pineda, do Olhanense, e Francisco Reis, do Portimonense, são ambos espanhóis e, segundo nos disseram, verdadeiros amigos.

Perguntámos, em primeiro lugar, a Pineda: — Que tal a partida? — Sinto-me satisfeito. Todos os meus rapazes cumpriram o estabelecido. Durante os noventa minutos, fomos superiores em conjunto, física e tecnicamente.

Tivemos, sim, mala-pata. Os adversários são correctos, e a meu ver, apenas jogaram para defender o empate...

Vamos principiar a segunda volta deste importante e difícil torneio português e estou confiante quanto ao futuro. Espero que a sorte agora seja connosco daqui por diante. Lamento sinceramente a nossa posição, porquanto ainda não consegui ver uma equipa superior à nossa. A minha equipa, formada à base da juventude, é excelente e falta-lhe apenas, da parte dos jogadores, um pouco de audácia e coraçaõ, visto que com estas virtudes nada difíceis nos classificáramos.

Francisco Reis começou por nos dizer: — O empate está certo. Dominámos no primeiro tempo, ao passo que os olhanenses nos dominaram no segundo. Acho o resultado, portanto, certo. Todos os meus pupilos cumpriram e souberam criar situações difíceis aos locais.

O público, assim como os jogadores de Olhão, bastante correctos. A arbitragem foi regular.

Montijo, 1 — Farense, 0

O S. C. Farense, na sua deslocação à simpática vila do Montijo, onde defrontou o Desportivo local, realizou fraca exibição, acabando por ceder dois pontos.

Na verdade, os farenenses, pelo que jogaram, não mereceram o triunfo, nem sequer o empate, ajustando-se, por conseguinte, bem o triunfo aos locais.

A arbitragem agradou.
Heroulano Valente

NÃO DIGAM QUE A CULPA É DO GOVERNO!

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ticariam tal temeridade, e com certeza o atrevimento ficaria-lhes-a de emenda.

Nem todos os exportadores se lamentam de terem as suas cargas há muitos dias imobilizadas e possivelmente algumas delas em risco de deterioração. Não se queixam desse prejuízo aqueles que, bem avisados e disciplinados, as têm mandado ao nosso porto, onde, a despeito do tem-

“TÁ-MAR”

HÁ dias, esteve em cena no Teatro D. Maria II, de Lisboa, uma portuguesíssima peça do falecido dramaturgo Alfredo Cortez.

Isto que escrevo não é de modo algum uma crítica; mas ao ver «Tá-Mar», pensei que em virtude do seu argumento, algumas palavras que lhe fizessem alusão teriam cabimento lógico num jornal algarvio.

O local da acção é a Nazaré, mas em que diferirá este, de qualquer dos portos piscatórios disseminados por esse litoral da provincia mais meridional portuguesa? Pode diferir na paisagem, na fala das suas gentes, ou nos seus trajos; mas o seu drama, não o drama em sentido vulgar, mas como sinónimo de vida, com suas alegrias e tristezas, paixões e desalentos, crenças e descrenças, é o mesmo. O assunto que Alfredo Cortez soube tão bem observar e transportar com realidade para o palco pode enfim, ser localizado onde quer que haja trabalhadores do mar, e o Algarve está repleto deles. E' o sempiterno mar o protagonista, a origem da vida, a razão da existência e a causa das desgraças daquela gente.

Uma das saliências mais notórias da peça é que Alfredo Cortez criou um super-homem em Manuel Lavagante, arrogante, amado por todas as mulheres, temerário, mas, no fundo, alma grande, que arrisca a vida nem sempre por necessidade, mas só pelo prazer de lutar com esse poderoso inimigo — o mar — qual luta de David e Golias, de que aquele sai vencedor.

Outro aspecto notável de «Tá-Mar» está em Alfredo Cortez ter sabido explorar de maneira admirável as disputas femininas.

Chamei, no início, portuguesíssima peça «Tá-Mar», porque ela é bem um grito da raça, raça de descobridores, marinheiros e pescadores. Manuel Lavagante incarna o papel de descendente dos homens de quinhentos. A peça é genuinamente nacional, pois o autor baseia-se na característica da raça, que nos valeu o nome de povo marítimo.

Novembro de 1955.

Fernando Honrado

Clinica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ESPINGARDARIA ALGARVE-Tavira

DE VIUVA & FILHOS DE JOSÉ VIEGAS MANSINHO



IMPORTAÇÃO DIRECTA de espingardas, carabinas, pistolas e revólveres das mais acreditadas marcas.

Oficina de reparação de armas e de carregamento de cartuchos por sistema eléctrico, dirigida por técnicos competentíssimos.

REPRESENTANTE EXCLUSIVA, no Algarve, da mais acreditada e perfeita PISTOLA DE ALARME R G, última palavra da indústria alemã

Preços sem competência, e especiais para revenda

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 13 —

DEFENDA-SE DA CHUVA

Comprando o impermeável

SUPERLON

PARA

HOMEM-SENHORA-CRIANÇA

Trindade
Vila Real de Santo António



PORTUGAL e a União Indiana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

uma vez, o amor venceu, e elas partiram confiantes e felizes.

Longe de melhorar, a situação mantém-se, agravada por vezes! E enquanto os senhores da União Indiana se não convencerem de que Portugal tem continuação nas terras de Goa, como em todas as suas províncias ultramarinas, e de que as reivindicações procuradas são falsas, incoerentes e sem qualquer justificação que mereça a mais pequena consideração de qualquer ordem, os portugueses ali se manterão, qual sentinela alerta, na defesa daquela terra que é muito nossa, com o reconhecimento e a admiração de todo o mundo, pela sua história, pela sua civilização e pela liberdade de raças, castas e crenças, benefícios que o povo da União Indiana não consegue disfrutar.

Que direito tem a União Indiana — um país novo, recente — aos territórios de Portugal?

Com que direito o governo desse país consente seja incomodada, constantemente, por palavras e obras, aquela província pacífica, onde a lei é igual para todos sem distinção? São estes os desejos pacifistas que o sr. Nehru apregoa aos quatro ventos?

Julgamos os indianos ser fácil a tarefa de usurpar aos portugueses as terras de Goa, Damão e Diu?

Tão justa é a causa de Portugal, que todo o mundo livre o acompanha na razão que lhe assiste, na indignação e na repulsa causadas pelas torpes provocações que a todo o momento têm lugar e podem ocasionar desastrosas e graves consequências.

Portugal, na Índia, marcou o lugar de onde irradiou, para toda a Ásia, a civilização cristã — a civilização latina.

Ali pelejaram os portugueses na defesa desses benefícios, que para aqueles povos foi uma verdadeira alforria.

Vasco da Gama foi o grande mensageiro da igualdade e da fraternidade que El-Rei D. Manuel enviava a essas terras distantes e desconhecidas. Afonso de Albuquerque estabeleceu as regras para a criação de novos povos, que haviam de continuar Portugal naquelas distantes paragens.

É por isso que os naturais de Goa, Damão, Diu, Nagar-Aveli e Dadrá são portugueses, muitos no nome e até no sangue.

Desde que se iniciou esta repulsa e nefanda campanha contra Portugal, se enraizou no nosso espírito a ideia de levantar o nosso protesto contra o procedimento daqueles indivíduos, que levados pela fome, eram o instrumento de alguns traidores despeitados, que apenas procuravam vingança reles e mesquinha. Mas agora, que são evidentes as provas de que o governo da União Indiana não só consentiu, não se opôs aos ataques feitos à soberania de Portugal, mas mantém a infantil ideia da anexação dos nossos territórios, aqui estamos a bradar, convencidos de que, se as nações do mundo livre não evitarem o conflito, podem o sr. Nehru e todos os indianos ficar certos de que a história se repetirá, e de que os descendentes daqueles portugueses que ali derramaram o seu sangue «dilatando a Fé e o Império», saberão mostrar-se dignos descendentes dos seus antepassados, para maior honra e glória da Pátria.

No segundo cerco de Diu, em 1546, não foram só os homens que se distinguiram e procuraram, à porfia, conquistar os primeiros lugares na defesa daquela praça, que orgulhosa hasteava a bandeira de Portugal.

Para o bom êxito daquela renhida luta, muito concorreram, além de outras, Grácia Rodrigues, mulher de Rui Mendes, Isabel Dias, casada com o feitor de El-Rei, Isabel Fernandes, que mereceu depois o cognome de «Velha de Diu», e, especialmente, Isabel Madeira, mulher do cirurgião, Mestre João, pela sua extraordinária intrepidez, que foi escolhida para comandar aquele batalhão feminino, que soube mostrar, por forma incontestável, o valor da mulher portuguesa.

E nessa luta heroica, em que todos se bateram com exaltada fé e altivo patriotismo, os turcos e os guzarates, loucos de espanto com tão inexplicável resistência, retiraram convencidos de que eram invencíveis os portugueses! Na fortaleza, em escombros, havia apenas quarenta homens

AS NOSSAS OFICINAS METALÚRGICAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

para a criação de novos operários especializados, parece-nos de todo o ponto justo que os rigores da lei só passem a ser observados após a criação da Escola Técnica e quando desta saírem rapazes com os cursos de motoristas marítimos, serralheiros, torneiros e fundidores. E este pedido não o fazemos só para Vila Real de Santo António, mas também para os outros centros metalúrgicos e de pesca motorizada que se encontrem na lamentável penúria de ensino técnico que aflige esta zona do Algarve. Porque a verdade é que não podemos continuar a lutar com a falta de operários especializados, falta que se agravará à medida que o nosso progresso se for acentuando e também porque não é humano dificultar a aprendizagem dos garotos, que têm legítimo direito a uma especialização e que não a podem obter porque não há uma Escola Técnica, e porque a lei, desconhecendo esta falta, exige dos industriais obrigações que razoavelmente não têm cabimento.

De resto, a aprendizagem na oficina é, no nosso tempo, um anacronismo que tende a desaparecer. «A dureza e o calvário de uma permanente e longa aprendizagem substituem-se pelo ambiente acolhedor das Escolas Profissionais, tanto de artes e ofícios como agrícolas — diz Saumier Montilano — pondo-se ao alcance do aluno todos os meios e maquinaria moderna, para se chegar à conclusão da utilidade de garantia profis-

UMA VISITA MINISTERIAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

metre ombros fora do solo pátrio. E o mais curioso é que não hostilizam ou desprezam a terra que lhes foi berço só porque os não abrigou nos favores da fortuna. O português sofre de um mal de alma, endêmico e congénito — a saudade. Esta abate todas as atitudes de frieza ou de indiferença.

Quando, nos primeiros tempos da emigração, a mágoa lhes devora a ideia, amassam-na com o orgulho de um dia voltarem sendo alguém; não é, porém, aquele orgulho filho do desdém pela terra modesta onde se ouviram os primeiros vagidos da sua existência, mas o prazer de poderem engrandecê-la com dádivas e obras.

Não são diferentes, nesse aspecto, os portugueses da América, do Brasil, da Venezuela ou da França.

O senhor prof. Paulo Cunha vai ter, por todo esse conjunto de circunstâncias, apoteótica recepção. O Governo Português

válidos, dos seiscentos portugueses que se tinham batido contra vinte e três mil atacantes, apoiados por uma esquadra de setenta e sete galés turcas!

Se o sr. Nehru conhecesse a história dos portugueses na Índia, longe de os atacar, admirava-os, prestando-lhes todas as homenagens de que são dignos, pela razão que lhes assiste, pela sua coragem, pelo seu patriotismo... e pela generosidade com que sempre trataram os vencidos.

Macau, Novembro de 1955.

J. de Carvalho e Régio

sional como meio eficaz para enfrentar o futuro, orientando a juventude que abandona a escola primária no caminho seguro da sua formação».

E a propósito do Ensino Técnico, lemos no «Século», na reportagem da inauguração da Escola Industrial e Comercial de Almada, a seguinte passagem que gostosamente transcrevemos, com os votos de que seja, alfin, no próximo ano, criada (melhor recriada) a nossa escola.

«Com este novo estabelecimento dá-se mais um impulso ao Ensino Técnico, ao qual o sr. ministro da Educação está a dedicar particular interesse, aguardando-se que no próximo ano sejam criadas novas escolas, entre elas a de Vila Real de Santo António, cuja organização está a ser estudada pelo inspector do Ensino Técnico, sr. eng. Sebastião Beltrão.» — B.

Um poeta algarvio no Teatro Monumental

Há semanas que se representa no Teatro Monumental, com agrado do público, a revista «Melódia de Lisboa», na qual tem papel saliente o talentoso actor João Villaret. Este, em dada altura, declara, com a mestria que todos conhecem, várias quadras de sabor popular, entre elas algumas do malogrado poeta-cauteleiro António Aleixo, natural de Vila Real de Santo António e que morreu há seis anos. Eis uma das suas causticantes quadras que mais têm impressionado o público lisboeta:

Sei que pareço um ladrão... mas há muitos que eu conheço, que, sem parecer o que são, são aquilo que eu pareço.

mostrará assim que aqueles portugueses nunca foram esquecidos nos destinos da sua luta. O ministro que visita agora os núcleos portugueses da América do Norte não é o embaixador de um lendário e histórico país, mas o representante de uma Nação que em pouco mais de 25 anos se renovou totalmente, de corpo e alma, e que alguns portugueses por completo desconhecem ou ignoram.

A par do aspecto sentimental da visita, há que destacar os comunicados das respectivas chancelarias quanto às conferências que o ministro português irá ter com diversas altas individualidades norte-americanas ligadas à N. A. T. O. Abordar-se-ão também os diversos aspectos dos territórios portugueses da África e da Ásia, excluído o aspecto económico.

É muito sintomático este interesse americano pelas condições de existência política e militar do Ultramar português, a que certamente não são estranhas nem a atitude férrea de Portugal, no Oriente, nem a crescente influência comunista na Ásia, e desigualmente na Índia.

É de registar, com muita simpatia, a gentileza do Governo do Canadá ao convidar o ministro português para visitar, nessa altura, a sua capital.

S. Peres Rodrigues

Visado pela Comissão de Censura

PARA QUANDO O CONGRESSO?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tes jornalistas, que mais tarde servem o País nos importantes órgãos da Imprensa. Eis porque urge dignificar a sua missão e dar-lhe os meios de melhor cumprir o seu voluntário encargo de colaboração nos fins superiores da governação pública e na defesa dos interesses e aspirações regionais.

Além do «Jornal de Sintra», «Gazeta de Cantanhede», «Ecos de Belém», «Notícias de Gouveia», «A Nossa Terra», de Cascais, e «A Província», do Montijo, também este semanário, pela pena dum distinto colaborador nosso, já se havia pronunciado sobre a conveniência e necessidade do Congresso, ao qual demos imediata adesão, nestas mesmas colunas.

Surprende-nos, por isso, a omissão do nome de «Notícias do Algarve» na menção feita há pouco pelo nosso apreciado colega «Gazeta de Cantanhede», em seu n.º 1990, na lista dos jornais da província que já alinharam nesta campanha. Se é facto que se pretende a formação dum agrupamento que estudará as modalidades adequadas para se conseguir que a «pequena Imprensa» obtenha o reconhecimento efectivo da alta missão que lhe incumbe e um consequente estatuto de protecção, urge sair, desde já, da posição platónica de meros artigos de incitamento e de projectos, para se iniciar imediatamente a organização do Congresso, com os elementos que estejam dispostos a debater problemas, assumir responsabilidades nas deliberações e intentar as diligências que se antolhem necessárias junto das autoridades corporativas, nomeadamente, o Sindicato Nacional dos Jornalistas.

Achamos, porém, e salvo opinião mais autorizada, que a melhor modalidade de salvaguardar os interesses comuns dos periódicos regionalistas seria o enquadramento deste ramo da Imprensa, como secção distinta, naquele sector corporativo, já dotado de experiência e prestígio; isto, de preferência a criar um organismo autónomo para a «pequena Imprensa», como é preconizado nos «Ecos de Belém» pelo sr. António Correia — pois iríamos cair justamente nos mesmos inconvenientes que têm impedido a união de todos, com vista ao almejado Congresso.

Já que a missão educativa e cultural da Imprensa — pequena e grande — é uma só e a mesma, posto que em projecção diversa e com mais ou menos poderosos meios de difusão, consoante se trate dos grandes rotativos ou dos modestos periódicos regionalistas, seja, por isso, a Imprensa portuguesa — toda ela — representada, defendida e valorizada pela mesma entidade, adentro da orgânica corporativa nacional, sem impedimento de existirem secções especializadas a quem caiba equacionar os diferentes problemas próprios, fiscalizar deveres que já existiam, mas também estatuir e proteger direitos que uma quase geral incompreensão raramente lhe tem reconhecido.

E então, por nosso lado, também não faltaremos a

Centenário de Mouzinho de Albuquerque

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nas, que, arvorando a bandeira inglesa, pretendiam impedir o seu avanço, infligindo aos rebeldes uma derrota completa.

Por tal motivo, a imprensa britânica iniciou uma violenta campanha contra Portugal, reclamando uma severa punição pela afronta à bandeira inglesa.

Iniciou-se então uma verdadeira batalha diplomática entre os governos de Londres e de Lisboa.

Então e inesperadamente, o ministro inglês em Lisboa, Peter, apresentou um ultimato ao governo de D. Carlos, — exigindo a saída imediata das tropas portuguesas do Chire e do país dos Macololos e Mashonas.

Perante tal ameaça — de a bolsa ou a vida — reuniu-se, no dia 11 de Janeiro de 1890, no Paço de Belém, o Conselho de Estado, que, apesar da relutância dos verdadeiros patriotas, se pronunciou pela submissão ao ultimato, ressaltando, embora, os direitos da Coroa de Portugal aos territórios em litígio, e invocando o direito de mediação ou arbitragem, garantida pelo artigo 12.º da Constituição de Berlim.

Este monstruoso atentado levantou em Portugal uma tremenda onda de indignação. O povo português mostraria a sua coragem se o governo a quisesse aproveitar para desagravo e reabilitação da Pátria. O rei D. Carlos devolveu à Inglaterra as condecorações britânicas que possuía. Atacou-se o consulado inglês. Foi debaixo dessa emoção patriótica que Alfredo Keil compôs a

A MISÉRIA LUMINOSA DA CAPITAL DO ALGARVE

FORA duas ou três terras importantes da nossa província, todas as outras estão péssimamente servidas quanto a energia eléctrica. As reclamações são constantes e provêm de Faro, Tavira, Portimão, enfim, da quase totalidade das nossas terras que neste século das luzes ainda são forçadas a sofrerem frequentes eclipses da luz, com os graves e incomodativos inconvenientes que lhes andam adstritos.

Do diário «Novidades», — em que se apreciam algumas deficiências da nossa capital da província, transcrevemos as seguintes lamentosas linhas:

«O pior de tudo ainda é de noite. Quando a luz não falha de todo, nas ruas e nas casas, só aparece nalgumas ruas por essas dez horas.

Atinge de facto a categoria de aventura o ter de passar por algumas dessas ruas. Se estivesse claro o céu, ainda poderiam ver-se reflectidas, nas poças de água, a lua e as estrelas. Mas estas falhas de luz, que tanto prejudicam o público, nas suas diversas actividades, sucedem de preferência em noites chuvosas, que tão frequentes têm sido, nestes últimos tempos.

Esperamos que algum dia ainda tenhamos de ver resolvido este problema da iluminação da cidade de Faro».

Todos esperam, há muito que este problema seja resolvido e deve sê-lo quando nos chegar aqui o precioso fluido, através da rede eléctrica nacional. Mas espanta-nos que se tivesse descuidado a tal ponto o abastecimento de electricidade a tantas terras algarvias que bem mereciam, neste aspecto, que os organismos oficiais lhes houvessem dedicado algum interesse.

marcar presença, já que a nossa posição vem de longe.

F. M. R.

«Portuguesa», hoje hino nacional. Os régulos do sul de Moçambique, estimulados e auxiliados pela Inglaterra, que lhes fornecia espingardas e munições, principiaram a manifestar-se contra Portugal.

Em Setembro de 1894, ganhou vulto a rebelião dos indígenas no distrito de Lourenço Marques.

Para reprimir e castigar os rebeldes, foi nomeado comissário régio, com plenos poderes, António Enes, antigo ministro da Marinha e do Ultramar, que chegou à ilha de Moçambique em 6 de Janeiro de 1895. Em fins de Maio, chegou a essa nossa província ultramarina o esquadrão de Lanceiros, comandado por Mouzinho.

Depois de vários combates, em que as nossas armas saíram sempre vitoriosas, sendo o de Marracuene, em Fevereiro, e o de Magul, em Setembro, travou-se, em 7 de Setembro do mesmo ano, a decisiva batalha de Coofela entre 600 portugueses e 10.000 vátuas, bem armados, que foram vigorosamente derrotados pelo exército nacional, comandado pelo coronel Eduardo Galhardo.

O sucesso das campanhas de África terminou épica e grandemente em Chaimite, pois foi aí que o grande Mouzinho de Albuquerque praticou um dos actos de maior audácia da história militar dos portugueses em África, prendendo o célebre régulo Gungunhana.

Ele próprio confessa no seu Relatório acerca da prisão do famoso soba: «Tinha-se enraizado no meu espírito a ideia de que eu havia de prender ou matar o Gungunhana», evitando que o prestígio das nossas armas fosse diminuído depois de vários combates gloriosos, e o régulo, por sua vez, tivesse tempo para reunir gente para continuar a luta.

A força europeia de que Mouzinho de Albuquerque, nomeado por António Enes, pouco antes, governador do distrito de Gaza, podia dispor para a famosa jornada em perseguição do poderoso Gungunhana, compunha-se de dois oficiais, tenente Sanches de Miranda e o tenente Costa e Couto, o médico dr. Francisco do Amaral e 49 praças.

Tendo Mouzinho tomado posse do cargo de governador a 10-12-1895, logo, a 25, o tenente Sanches de Miranda embarcou na canhoneira «Capêlo», com a força europeia, e, a 26, Mouzinho de Albuquerque marchou por terra acompanhado do tenente Couto e de pequena guarnição, a maioria carregadores, dando-se assim início à gloriosa empresa. Durante a marcha deste dia, vários chefes indígenas se apresentaram com as suas forças, que vinham prestar vassalagem e oferecer-se para auxiliar a captura do Gungunhana. Reuniram-se assim uns 1.800 homens. Às 4 da manhã do dia seguinte, prosseguiu a marcha. As distâncias entre as forças indígenas e as da metrópole, eram constantemente encurtadas, porque os pretos, recosos, tendiam sempre a encostar-se à força branca.

Durante a marcha deste dia, fortes aguaceiros caíam de espaço a espaço. O sol daquela quadra em África, e as marchas forçadas, em velocidade não inferior a uns 12 minutos por quilómetro; a tropa ou ia encharcada da água das chuvas ou do próprio suor!

Às 11 horas, apareceram dois enviados do Gungunhana, trazendo um presente de 500 libras de ouro e algumas pontas de marfim, dizendo que o régulo pedia para não avançarem mais. Viria nessa mesma tarde apresentar-se a Mouzinho. Respondeu este que viesse, mas que ele continuaria avançando. Tudo levava a crer que o famoso régulo pretendia apenas ganhar tempo. Naquela dia, a marcha foi de 8 horas úteis, mais do que o ordinário. Todos estavam exaustos. Os carregadores só à força de pranchada se conservavam junto à coluna.

A «gente de guerra» sentava-se a cada momento.

Feito o bivaque, foram dispostas as forças em quadrado. Às 5 horas da tarde veio junto do «quadrado», um outro emissário do régulo, o próprio filho Gódice, com 65 cabeças de gado bovino, 510 libras e duas grandes pontas de marfim. Trazia novo pedido do régulo para que a força não avançasse mais, declarando que seu pai viria nessa noite ou no dia seguinte.

Tal era o cansaço das tropas, que muitos dos soldados, não comeram preferindo ficar estirados sobre os capotes. Durante a noite a chuva caiu incessante. Às 3 horas da manhã, no dia 28 de Dezembro, tocou a alvorada, e, às 4, estava tudo em marcha. Pelas 6,30 avistou-se Chaimite.

Vergílio Passos